

RESENHA: “POR UMA OUTRA GLOBALIZAÇÃO”, DE MILTON SANTOS

REVIEW: “TOWARD AN OTHER GLOBALIZATION” BY MILTON SANTOS

Maria Clara KRETZER¹

Uma das obras mais conhecidas do geógrafo brasileiro Milton Santos, o livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* apresenta uma série de conceitos e reflexões que seguem atuais, mesmo mais de duas décadas depois de sua apresentação inicial. Dentre eles, merece destaque o conceito de “globalização perversa” e a descrição de seus fundamentos, particularidades e efeitos, que permitem refletir sobre alguns dos atuais processos decorrentes da globalização. Ao discorrer sobre um cenário pessimista e apontar as várias crueldades nele presentes, o geógrafo brasileiro é feliz ao indicar que o estado de coisas vigente não é algo natural e, portanto, tampouco é irreversível. Pelo contrário: as bases técnicas que sustentam e permitem os processos hodiernos são, em si, neutras, e é a ideologia dominante, com características muito específicas, que permite que as engrenagens do mundo e da globalização funcionem do modo como o fazem na atualidade. Estas mesmas bases que permitem a manutenção da perversidade como norma são aquelas que podem permitir, se reutilizadas a partir de um novo paradigma ideológico, que a “globalização como possibilidade” se manifeste. Daí a importância de conhecer estas bases e destrinchar a ideologia que as organizam atualmente.

O avanço técnico é, para o autor, fonte de grandes possibilidades. O atual estado da técnica permite conhecer o mundo em sua totalidade, conectar diferentes lugares e promover a difusão de informação sobre e para várias partes do globo. Estas possibilidades, porém, se perdem a partir do momento em que estes fundamentos técnicos são colocados a serviço de uma ideologia de mercado, sustentada na individualidade, na competitividade e no consumo. A lógica competitiva coloca os atores na posição de oponentes permanentes, individualizando-os e separando-os de uma percepção de pertença a um todo. O consumo passa a ser o objetivo, já que é a partir dele que o indivíduo afirma seu lugar na sociedade. O diagnóstico do autor é preciso ao apontar como esta lógica “mata a noção de solidariedade” entre os indivíduos e “devolve o homem à condição primitiva do cada um por si” (SANTOS, 2008, p. 32). Essa ideologia e seus componentes, por sua vez, alimentam e são alimentados por um uso muito específico e perverso da capacidade informativa propiciada pelas novas técnicas, o que o autor chama de tirania de informação.

Em lugar de informar e emancipar, a informação que hoje circula a nível global atua mais como ideologia do que como informação de fato. Antes de ser uma descrição real dos acontecimentos, ela é resultado de uma filtragem, uma manipulação feita “por um punhado de atores em função de seus objetos particulares” (SANTOS, 2008, p.19). Quase vinte anos depois de sua primeira publicação, o texto segue atual em seu diagnóstico, já que, de fato, um olhar atento às grandes mídias que circulam e informam a grande maioria das pessoas em diferentes países permite perceber que esta trazem discursos muito similares entre si. Para Santos, o que chega até nós não é propriamente o fato, mas a interpretação deste, o que

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPGRI) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na linha de Política Internacional. Possui pós-graduação em Relações Internacionais Contemporâneas pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI) e é graduada em Relações Internacionais pela mesma instituição.

permite a formulação de “fábulas” e “mitos” de acordo com a necessidade destes atores. A realidade mais uma vez o comprova: nossas percepções do mundo, dos acontecimentos e da relevância de cada um em relação aos demais se dá com base naquilo que é apresentado pela grande mídia. Um evento é considerado grande se ocupa vários minutos da cobertura jornalística, ou se tem a capa das revistas e a primeira página dos jornais. Construímos nossa hierarquia de prioridades, portanto, não a partir de nossa vivência e reais necessidades, mas sim a partir daquilo que editores e proprietários dos grandes conglomerados de mídia definem ser essencial.

Esse conjunto de informações manipuladas produz alguns efeitos importantes para a manutenção daquela ideologia que sustenta o sistema. Primeiro, cria um medo generalizado e constante em todas as áreas de nossa vida: “o medo do desemprego, medo da fome, medo da violência, medo do outro” (SANTOS, 2008, p.29). Desta forma, a informação segue nos individualizando e reforça a lógica da competitividade acirrada e sem compaixão de todos contra todos. Em segundo lugar – e nos parece estar aqui um ponto importante – ela cria desesperança para com soluções que não sejam aquelas prometidas pela ideologia dominante e pelo mercado. A solução para a pobreza, a violência, as doenças, o vazio experimentado pelo indivíduo, não passa pelas tradicionais instâncias de ordenação da vida pública, como o Estado, nem pela solidariedade entre os indivíduos numa comunidade. A “fábula” nos diz que o Estado deve ser menor, que a liberdade do capital deve ser maior, que devemos buscar mais dinheiro, consumir mais, cuidar cada vez mais de nós mesmos sem nos importarmos com o outro, que o mercado é justo e recompensará as ações individuais de acordo com o esforço de cada um. Credo nessas promessas, seguimos o receituário; o resultado é, como se vê no cotidiano, mais miséria, mais insegurança, mais incerteza e mais vazio.

Mas se a informação é sustentáculo dessa ideologia perversa, ela também carrega em si a capacidade de ser algo diferente. Partilhamos da percepção de Santos de que as técnicas não são em si boas ou más, mas manifestam-se de uma ou de outra forma de acordo com a ideologia que sustenta seu uso. Para que as novas técnicas de informação estejam a serviço de uma globalização mais positiva e humana, faz-se necessário: i) tomar consciência dos processos acima descritos, ou seja, da parcialidade com a qual estas técnicas são utilizadas e quais os interesses aos quais elas atendem, e; ii) descentralizar o controle destas técnicas, dando a outros atores a possibilidade de difundir informações a partir de outras perspectivas.

A concentração das fontes de informação pode ser revertida a partir das próprias técnicas de informação hodiernamente existentes. A internet oferece a possibilidade de troca de conteúdos entre várias partes do planeta. Várias, e não todas, porque ainda há lugares em que o acesso às redes é precário ou inexistente, o que dificulta a entrada de grandes parcelas da população nesta teia de comunicação global. Esta própria dificuldade é criadora de hierarquias e, se não revertida, tende a aprofundar ainda mais as desigualdades, pautadas não mais apenas em questões econômicas, mas também na possibilidade de acesso a informações. Reverter este quadro e permitir que maiores parcelas da população do planeta tenham acesso a estas plataformas é necessário para que as fontes de informação sejam descentralizadas e possam espalhar-se por diferentes localidades.

Na internet, uma das principais ferramentas de compartilhamento de informação e de conteúdos são as redes sociais. Apontá-las apenas em suas benesses, porém, seria adotar um olhar parcial e falho. Várias situações recentes obrigam a refletir sobre a capacidade que as redes sociais carregam de servir à globalização perversa e seus ideais de base, em vez de serem ferramentas em benefício da sociedade. A questão das *fake news*, tanto no Brasil quanto em outros países, e a aparente incapacidade dos atores por ela afetados de mobilizar as redes para combater a desinformação massiva propagada por elas, é um exemplo deste estado de coisas. Neste ponto, porém, é relevante retomar a visão de Santos a respeito da neutralidade das técnicas, que se tornam “boas” ou “más” em decorrência da ideologia que

orienta seu uso. Parece-nos que o mesmo raciocínio se aplica às redes sociais, que carregam em si a capacidade de serem utilizadas tanto a serviço de pautas conservadoras quanto a serviço de pautas progressistas. É neste ponto que o outro tópico acima mencionado, o tomar consciência dos processos da tirania da informação, surge como necessário.

Milton Santos destaca a possibilidade de formação de discursos e narrativas anti-hegemônicas dentro dos próprios espaços de avanço da globalização perversa. A “racionalidade” dominante, localizada em espaços específicos do globo (o centro produtivo, tanto material quanto ideológico), leva inevitavelmente à produção de contra-racionalidades, classificadas pela ideologia vigente como “irracionalidades”. Se “a conformidade com a razão hegemônica é limitada”, a “produção plural de ‘irracionalidades’ é ilimitada” (SANTOS, 2008, p 115). O discurso que sustenta os moldes hegemônicos da globalização chegará a um desgaste, já que, segundo o autor, ele é incapaz de “resistir à evidência dos fatos” (SANTOS, 2008, p. 117). Ainda há, portanto, espaço para utopia, uma mescla dos anseios básicos e essenciais do ser humano somados às características e necessidades do tempo presente. Após um diagnóstico sombrio, é um sopro de alento: Milton Santos nos lembra que a globalização perversa não é um processo inevitável e irreversível, mas que, fruto do homem, pode também ser por ele alterada.

O diagnóstico do autor e suas contribuições teóricas a respeito da globalização oferecem conceitos fundamentais para esta tomada de consciência. Para que esta ocorra, acreditamos que a educação se apresenta como ferramenta transformadora fundamental. É a ela que cabe o papel de permitir a conscientização a respeito das teorias ordenadoras da vida cotidiana, de modo que o indivíduo perceba seu lugar no mundo, os processos que ali o mantêm e suas possibilidades frente a esses mesmos processos. A partir de uma educação nestes moldes, que convida o indivíduo a relacionar-se com o mundo, questioná-lo e, com base em suas questões e interações, refletir sobre suas possibilidades, é possível pensar uma globalização em moldes menos perversos, tendo a técnica e os avanços humanos até aqui conquistados a serviço de uma globalização humanizada.

Referências

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008 (15ª edição).

Resenha recebida em 24-01-2020
Resenha aceita para publicação em 13-04-2020